

AÇÃO PASTORAL: 23 a 29 de Março de 2026			
	CALHETA	S. FRANCISCO	ATOUGUIA
Segunda-feira 23 – 03 – 2026		Missa – 18:30	
Terça-feira 24 – 03 – 2026	Cartório – 17h Missa – 18:30		
Quarta-feira 25 – 03 – 2026		Missa – 15h Centros Sociais	Cartório – 17h Missa – 18h
Quinta-feira 26 – 03 – 2026	Santa Casa Missa – 15h		S Pedro – 19h
Sexta-feira 27 – 03 – 2026		Cartório – 17h Missa – 18:30	Missa – 8:30 Cartório
Sábado 28 – 03 – 2026	VIA SACRA DA PAZ. Inicia pelas 16h no impasse da Casa Nova e vamos até ao L. Doutor no caminho real		
DOMINGO DE RAMOS 29 – 03 – 2026	Missa – 11h	Missa – 9:30	Missa – 8h

PUBLICAÇÕES GERAIS

A Junta de Freguesia da Calheta informa que se encontram abertas as inscrições para a participação na Marcha de São João

➤ **FESTIVAL CALHETA A CANTAR, estão abertas as inscrições. Bons Prémios!**

Jornal de Fátima, os assinantes devem dar o nome completo. São 7€ por ano e são celebradas Missas no santuário de Fátima pelas intenções dos assinantes

✓ **Próximo Domingo, bênção dos Ramos antes da Missa**

Via Sacra pela Paz todos os participantes devem levar veste branca, convidamos todos os pais da Catequese e população em geral a tomar parte

Paróquia do Atouguia

✓

Paróquia da Calheta

✓

Paróquia de São Francisco Xavier

✓

DOUTRINA: depois de Comungar o Corpo de Jesus, no regresso ao nosso lugar, não devemos ir a cumprimentar as pessoas muito menos falar. Vamos em adoração.



Boletim das Paróquias da Freguesia da Calheta

DIA DA COMUNHÃO

“Por uma Igreja Renovada para todos”

Em Jesus, de Jesus e para Jesus!

www.paroquiasdacalheta.com

Telefone: **291 824 510** | Telemóvel do Pároco: **965 250 355**

Ficha Técnica: Director: O Pároco e Equipa Executiva: Anabela Gomes, Cristina e Rui Sousa.

Nº 779 – Série III – 22 de Março de 2026

DOMINGO V DA QUARESMA

«Eu sou a ressurreição e a Vida»

Ressuscitar para uma «vida nova» eis a Missão e o sentido de todo este tempo quaresmal. A Liturgia deste V Domingo do Tempo da Páscoa, o último antes do Domingo de Ramos, conduz a Igreja no sentido de assumir a Vida Nova em Cristo. É tempo de deixar morrer o «homem velho» na linguagem de São Paulo, o homem velho é todo o ser humano que se deixa levar



apenas pelas paixões do mundo, que se esquece que tudo isto é passageiro. A Liturgia deste V Domingo do Tempo da Quaresma convida-nos a ressuscitar como o «homem-novo» ou seja, como quem crê na Boa Nova do Evangelho, na sua proposta de vida, na certeza da vida eterna. *Eu Sou a ressurreição e a vida, quem vive e crê em mim não morre, tem a vida eterna, acreditas nisto?* Diante do desespero de Marta pela morte do seu amado irmão, Jesus como que lhe dá um ultimato: ou crês na Vida eterna ou não vale a pena Me seculares e ficas na tua angústia. Ela respondeu *«eu creio Senhor»*. Ou seja, deixou de absolutizar a vida do corpo e deixou de ser cruel a partida de quem ela amava. Ainda assim Jesus faz o milagre da ressuscitação de lázaro, apenas como um sinal de que toda a pessoa que Crê na Vida Eterna, vive neste nosso mudo de forma livre, liberta, confiante! Jesus simplesmente chama-nos para uma vida de Amor ao próximo, livre da escravidão da ganância do ter e focado no ser, de coração ao alto onde o único absoluto da existência é Deus e a Sua Eternidade. É um convite muito simples a uma vida com Deus e em Deus, longe de angústias, revoltas e mágoas, mas com aquela paz de quem tem o Senhor como seu pastor e guia onde nada... nada mesmo lhe falta. Votos de feliz e santo Domingo para todos.

PALAVRA DO PÁROCO

Pe Silvano Gonçalves

Evangelho do Domingo
Dia de 29 março de 2026
DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO
SENHOR
Ano A

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo
segundo São Mateus

Quando se aproximavam de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois discípulos, dizendo-lhes: «Ide à povoação aí em frente e encontrareis uma jumenta presa e um jumentinho com ela. Soltai-a e trazei-mos. Se alguém vos disser alguma coisa, respondei que o Senhor precisa deles, mas não tardará em devolvê-los». Isto sucedeu para se cumprir o que tinha sido anunciado pelo Profeta: «Dizei à filha de Sião: “Eis o teu Rei, que vem ao teu encontro, humildemente montado num jumentinho, filho de uma jumenta”». Os discípulos partiram e fizeram como Jesus lhes ordenara; trouxeram a jumenta e o jumentinho, puseram sobre eles as suas capas e Jesus sentou-se em cima. Uma grande multidão estendia as suas capas no caminho, enquanto outros cortavam ramos de árvores e espalhavam-nos pelo caminho. Toda esta multidão, tanto os que iam à frente de Jesus como os que vinham atrás, diziam em altos brados: «Hossana ao Filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hossana nas alturas!» Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou alvoroçada. E perguntavam: «Quem é Ele?» E da multidão respondiam: «Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia».

Palavra da salvação.



Palavras do
Papa Leão XIV



Cidade do Vaticano, 18 mar 2026 (Ecclesia) – O Papa apelou ao envolvimento de todos os católicos na vida da Igreja, apelando à consciência do Batismo como o sacramento fundamental da vida cristã. “Caríssimos, despertemos em nós a consciência e a gratidão por termos recebido o dom de fazer parte do povo de Deus; e também a responsabilidade que isso acarreta”(…) “O primeiro sacramento, que sela para sempre a nossa identidade, e do qual deveríamos ser sempre orgulhosos, é o batismo”, indicou o pontífice, citando uma o Papa Francisco. Leão XIV sublinhou que a “consagração” batismal “está na gênese da missão comum que une os ministros ordenados e os fiéis leigos”, recordando que todos fazem “o ingresso na Igreja como leigos”. A reflexão papal abordou a dimensão do sacerdócio comum dos fiéis, que se distingue do sacerdócio ministerial. “Este sacerdócio comum dos fiéis é conferido pelo Batismo, que nos permite adorar a Deus em espírito e em verdade e confessar diante dos homens a fé que de Deus receberam por meio da Igreja. Leão XIV destacou ainda a força da Confirmação (Crisma) para impulsionar a missão de evangelização através de “palavras e obras”. “O exercício do sacerdócio real manifesta-se de muitas formas, todas elas voltadas para a nossa santificação, principalmente pela participação na oferta da Eucaristia”.(…) “A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Espírito, não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, desde os bispos até ao último dos leigos fiéis, manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes.(…) “O cristão é chamado a ser um instrumento de paz, amor e reconciliação, para que a verdadeira paz possa prevalecer entre todos os povos.” (<https://agencia.ecclesia.pt/>)

Para refletir... Um jovem mergulhado numa profunda crise de sentido, parte em busca do “verdadeiro mosteiro”. Acaba por encontrá-lo e é aceite como noviço. Contudo, quando ao fim de algum tempo é confrontado com a recusa do abade em deixá-lo professar os votos monásticos, decide procurar o padre Alípio, um monge enigmático, tido por sábio e que vive em reclusão.

«No mosteiro viviam cento e cinquenta monges. Quem poderia ajudá-lo? Veio-lhe à mente um certo padre Alípio. O padre Alípio era uma espécie de inconformista, embora fosse tido por sábio. Era o sapateiro e vivia praticamente na sua pequena oficina ao fundo do jardim. Raramente falava com alguém. Dizia-se que lia os corações, e por isso todos o evitavam. O jovem disse para consigo: “Tenho de ir visitá-lo”. No dia seguinte, durante a oração, deixou uma nota no lugar do padre Alípio na capela: “Posso falar consigo sobre um assunto?” À hora de almoço chegou-lhe a resposta: “Vem esta noite depois do jantar”. Assim, após o jantar, dirigiu-se discretamente ao fundo do jardim para falar com o padre Alípio. Curvado sobre uma mesa, o padre Alípio estava sentado num banquinho a remendar uns sapatos. Ergueu os olhos por cima dos óculos e disse:

– Senta-te e diz-me o que se passa.

O jovem falou durante uma eternidade. Contou-lhe tudo sobre a sua vida, sobre a busca do verdadeiro mosteiro, sobre a recusa do abade em que ele professasse os votos.

Enquanto isso, o padre Alípio remendava um dos sapatos. Quando o jovem acabou, o padre Alípio disse:

– Tenho apenas uma pergunta: quem és tu?

– Acabei de lho dizer – retorquiu o jovem.

– Não, tu falaste-me da tua indumentária. Disseste-me o teu nome, de onde vens, o que fizeste, o que estudaste. O teu problema é que não te conheces. Deixa que te diga quem és. És um raio da luz de Deus.

“Parece um pouco ridículo”, pensou o jovem para si. Mas sentiu-se intrigado e disse:

– O que quer dizer com isso?

– Dizes que procuras a Deus, mas um raio de luz não procura o Sol; vem do Sol. Tu és um sarmento da vinha de Deus. Um sarmento não procura a vinha; já faz parte dela. Uma onda não procura o oceano; já está cheia de oceano. É justamente porque não sabes que és um com Deus que acreditas em todos esses rótulos a teu respeito: sou pecador, sou santo, sou uma calamidade, sou um verme, não um homem, sou monge, sou enfermeiro. São tudo rótulos, indumentária. Têm a sua utilidade, mas não são o que tu és. Se acreditas nesses rótulos, acreditas numa ilusão e vives de inquietação em inquietação. É nisso que passamos a maior parte da vida. No mundo secular chamamos-lhe “a nossa profissão”. Em termos monásticos, chamamos-lhe “vocação”. Antes de poderes saber por experiência o que o salmista quis dizer quando afirmou: “Aquietai-vos e sabeí que eu sou Deus”, tens primeiro de aprender a permanecer em quietude e a saber quem és tu. O resto ser-te-á dado por acréscimo. (…)

Muitas tardes, o jovem rumava ao fundo do jardim para manter conversas com o padre Alípio. Todas giravam em torno da pergunta: “Quem sou eu?”. O jovem foi crescendo em sabedoria neste paradoxo da identidade, e dele emanava grande paz. No derradeiro encontro, o padre Alípio disse-lhe:

– Já dominas a pergunta “quem sou eu?”. Gostava de te fazer outra: “Quem é Jesus de Nazaré?”

O jovem ficou com o olhar voltado para dentro, quieto e silencioso. Ao contemplá-lo, o rosto do padre Alípio iluminou-se. Compreendeu que ele já o sabia. Sentando-se novamente, continuou a remendar o sapato e disse:

– Parabéns. Podes partir. Creio que o abade quer falar contigo a sós.»

(Martin Laird, in “En la tierra silenciosa”)

